

Harmonia do mundo segundo João Escoto Eriúgena

João Lupi

Druidas e monges na Irlanda

Gregos e romanos referiam-se aos druidas celtas geralmente com respeito, pois deles ouviam falar como sendo tão sábios como os brâmanes da Índia¹. Embora não se tenha informações amplas e seguras sobre esse tema parece certo que a formação dos druidas era longa (cerca de vinte nos) e que aprendiam, além da Teologia e Mitologia que lhes era própria aquilo a que hoje poderíamos chamar Humanidades (poesia, história, genealogias...) e Ciências (botânica, astronomia...). Por outro lado estas e outras informações sobre os druidas referem-se aos nativos da Irlanda (Hibernia, ou Eire), pois dos druidas de outros povos celtas –além dos gauleses relatados por Júlio César– quase nada se sabe, havendo quem duvide da sua existência.

A conversão dos celtas irlandeses ao cristianismo, liderada por São Patrício (c.385-461) foi pacífica, o que permitiu a transferência de conhecimentos, ou a sua adaptação, de tal modo que deu origem a um cristianismo celta muito peculiar. Não sabemos se houve druidas que se tornaram cristãos, sendo até bem provável que eles conduzissem uma oposição à nova fé; mas parece que o “segundo escalão” da hierarquia celta irlandesa, os fillidh, não só se converteram como muitos deles se tornaram monges. Num processo complexo que durou algumas gerações os monges irlandeses criaram não só uma forma de vivência cristã peculiar, e distinta da vivência dos bretões e anglo-saxões, mas um monaquismo diferente do continental, além de vigoroso e missionário. Herdeiros de diversas tradições, os monges tornaram-se um distintivo notável da identidade cultural celta irlandesa, e nesse distintivo e identidade certamente se pode incluir como parte da herança druídica,

¹ Edwin C. Krupp, *No rasto de... as antigas astronomias*, Trad. Margarida e Eduardo Gomes. Mem Martins, Europa América (1978); Andrés Pena Graña, “tribus” celtas de Gallaecia e su constitución política”, *Gallaecia* (Santiago de Compostela), 25, 2006, pp. 371-399; Leofranc Holford-Strevens, *A Short History of Time*, Londres, Folio, 2007, cap. 4, pp. 41-51.

uma formação religiosa –cristã, é claro, mas com traços celtas– muito mais completa e erudita do que a continental; havia nela uma ênfase no estudo que os continentais tinham perdido, e particularmente um interesse pelas ciências que produziu importantes ensinamentos e debates sobre astronomia. O desenvolvimento dos conhecimentos astronômicos pelos monges irlandeses dos séculos VI a IX certamente se apoiou também em noções gregas e romanas, ou por elas transmitidas, mas pela sua especificidade há que reconhecer também a influência celta, mesmo que, por falta de melhores informações sobre a ciência dos druidas, não possamos determinar os detalhes dessa herança de origem celta.

A astronomia dos monges irlandeses

Na Europa continental dos séculos VII e IX encontravam-se monges irlandeses renomados por seus conhecimentos em astronomia, que frequentemente os próprios diziam serem de origem muito antiga². Um deles, conhecido como Agostinho da Hibernia (alguma vez confundido com Agostinho de Hipona) escreveu uma obra intitulada *As maravilhas da Sagrada Escritura* onde não se trata explicitamente de astronomia, mas incidentalmente o autor mostra seus conhecimentos ao discutir a questão das águas do dilúvio, pois se alarga na explicação das marés e dos equinócios, revelando noções que não coincidiam com as dos romanos. Também se destacou entre os monges na Europa o bispo-abade de Salzburgo, Fergal conhecido como Virgílio; com ele trabalhava outro bispo irlandês de nome Dubdachrich, astrônomo: ambos defendiam idéias tradicionais druídicas, como a existência de um mundo subterrâneo habitado, o mundo antigo dos Tuátha De Danaan; os escritos deles sobre astronomia e cosmografia foram reportados ao papa Zacarias (741-752) por Bonifácio de Crediton, que estava muito escandalizado com essas idéias. De todos porém o mais famoso é Dicuil que em 825 escreveu um tratado de Geografia, e outro de Astronomia com o nome de *A Meditação do orbe Terrestre* cujo manuscrito está conservado na Biblioteca de Valenciennes, na França (foi publicado em 1907 mas permanece quase sem divulgação nem comentários). Porém a maior repercussão do interesse e do ensino dos irlandeses em astronomia deu-se por via indireta, através dos anglos Beda (672-735) e Alcuíno (730-804). Beda estudou na

² Cf. o meu trabalho “A Formação intelectual dos monges irlandeses na Alta Idade Média”, Atas do III Encontro Internacional de Estudos medievais, Rio de Janeiro, Ágora da Ilha, 1999: 421-430; “Os Druidas”, *Brathair*, 4 (1), 2004, pp. 70-79; “Entre Druidas e Monges da Irlanda”, *I Simpósio de Estudos Celtas e Germânicos*, Rio de Janeiro, 2004.

Nortúmbria (entre Inglaterra e Escócia) com mestres irlandeses, e escreveu diversos tratados sobre astronomia e cálculo, que foram estudados em toda a Alta Idade Média. Alcuíno de York foi conselheiro de Carlos Magno, seu “ministro da educação e cultura” e bibliotecário. Nesses cargos Alcuíno imprimiu à renovação e reestruturação do ensino no reino dos francos e seus domínios uma direção ampla e duradoura, e uma vez que o imperador se interessava muito por astronomia essa ciência era parte importante do currículo da corte e das escolas. O interesse de Carlos Magno era real, tanto que depois da morte de Alcuíno ele chamou o irlandês Dungal de Bangor ou de São Dinis para discutir com ele os eclipses do Sol³.

A controvérsia sobre a data da Páscoa

Pela quantidade de literatura que provocou e que ainda subsiste (embora nem toda publicada) esta controvérsia é o melhor “caso” para se poder fixar o que sabemos sobre a astronomia e cosmologia irlandesas na Alta Idade Média⁴. Devido à dificuldade de articular o calendário lunar (judaico) com o solar (cristão) no século IV havia vários cálculos e calendários em vigor, que continuaram no séc. V; para tentar definir um calendário que todas as comunidades cristãs aceitassem, a fim de celebrar a Páscoa no mesmo dia, os Papas convidaram sucessivamente vários eruditos e astrônomos, mas sem sucesso, até que em 525 as tabelas de Vitório de Aquitânia, corrigidas pelo cálculo de Dionísio o Exíguo, que as combinou com as tabelas de Alexandria evitando alguns erros, se chegou a um resultado que, mesmo imperfeito, foi imposto por Roma a todas as Igrejas ocidentais.

Na Irlanda continuavam a preferir o ciclo de 84 anos, e assim em outras partes da cristandade. Quando Columbano emigrou (590) com seus companheiros de vida monástica de Bangor, no norte da Irlanda, para o reino dos francos e fundou o mosteiro de Luxeuil, impôs o calendário irlandês à elite dos francos e burguinhões, em contraste com o costume galo-romano⁵. Columbano criticou as tabelas de Vitório e em 603 escreveu a Roma e ao concílio da Gália em Châlons-sur-Saône

³ Cf. Pierre Duhem, *Le Système du Monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon a Copernic*, Paris, Hermann, 1958, t. III.

⁴ Cf. Meu trabalho “A data da Páscoa e o fim das comunidades celtas”, Congresso da Comissão Brasileira de Filosofia Medieval, Fortaleza, 2006.

⁵ Cf. Howard B. Clarke - Mary Brennan, *Columbanus and Merovingian Monasticism*, Oxford, BAR International Series, 113, 1981 (British Archaeological Reports).

pedindo que fosse concedido aos seus monges “que vivem em reclusão e não incomodam ninguém” celebrar a Páscoa “seguindo o costume dos antepassados” (*Cartas* 2,5 e 3,2)⁶. Numa carta ao papa Gregório (PL 80, 261) Columbano diz: “Saiba que os nossos antigos mestres irlandeses eram filósofos e sapientíssimos em computar e compor cálculos”. Há diversas outras cartas referentes à disputa com Roma em que os irlandeses fazem questão de dizer que seus astrônomos não são em nada inferiores aos de Roma. Devido às negativas de Roma e à insistência papal o sínodo de Mag Léne na Irlanda em 630 aceitou a unificação da data segundo o costume romano, mas Cumiano e outros resistiram, e no norte da Irlanda, na Escócia e na Nortúmbria, bem como em mosteiros irlandeses no continente, o uso irlandês permanecia em vigor. Alguns anos depois (c.660) os monges de Kildare (SE da Irlanda) reuniram textos tratando do assunto, onde o interesse dos autores gira em torno da simbologia do Sol e da Lua, mais do que de questões de teoria e de observação astronômica. Essa coletânea parece ter inspirado o autor da *Vida de Santa Brígida*, o monge Cogitosus, considerado mestre em astronomia. Finalmente a pedido do rei Osvi, da Nortúmbria reuniu-se em Whitby, no ano 664, um sínodo onde a delegação romana, chefiada pelo germano Wilfredo, convenceu o rei a adotar o cálculo imposto por Roma. Os últimos redutos da resistência celta pareciam resignar-se ao silêncio, mas a ciência astronômica continuou, quer através dos discípulos dos irlandeses na Europa continental, e na própria Nortúmbria inglesa, quer nos tratados de Filosofia, como parte de uma concepção geral do universo, a cosmologia.

João Escoto Eriúgena

O mais conhecido dos intelectuais irlandeses da Alta Idade Média é sem dúvida João Escoto Eriúgena (c.810-c.877), e dele temos claras demonstrações de notáveis conhecimentos de astronomia⁷. Na sua obra principal, sobre *A Divisão da Natureza*, desenvolve toda uma explicação da harmonia do universo em que a música e a astronomia se encontram e de certo modo se fundem na *harmonia das esferas*. “Nos atrevemos a afirmar, diz João, com provas seguras, que a estrutura do conjunto do universo não só nas suas rotações e evoluções, mas nas suas medidas, se rege pelas

⁶ Stephen C. McCluskey, *Astronomies and Cultures in Early Medieval Europe*, Cambridge U.P., 1998, p. 89.

⁷ Cf. o meu trabalho “A harmonia do mundo segundo João Eriúgena”, *Dissertatio UFPel*, 11, 2000, pp. 49-57.

mesmas proporções da música” (III, 722, A-C); e por isso, continua, quando a Escritura fala do *concerto dos céus* está apoiada no fato de que os intervalos entre as estrelas mantêm as mesmas proporções racionais dos diastemas da música” (ib). Tanto a música como o cosmo se fundam na mesma razão que ordena o universo: o número (idéia que Agostinho de Hipona já tinha exposto no seu diálogo sobre *A Ordem*). João expõe as medidas e proporções da música, com grande erudição, e depois faz o mesmo com as relações entre os astros (III 718 CD). O Eriúgena não só conhece as distâncias entre os planetas mas também o modo como se calculam; explica as divergências entre Eratóstenes e Ptolomeu; descreve os instrumentos de observação, como o gnomon e seus cálculos, conhece os eclipses e as irregularidades das rotações planetárias, discute as medidas astronômicas, discorre sobre a Lua, sua massa e sua órbita, enfim demonstra saber mais astronomia do que a grande maioria de seus contemporâneos. Pode-se perguntar, como se tem feito, se o que o Eriúgena sabia tinha aprendido na Irlanda ou no Reino dos Francos onde vivia, mas mesmo nesta hipótese, pouco provável, resta a certeza de que foi na Irlanda que ganhou o interesse pela astronomia e provavelmente aprendeu quase tudo o que expõe. Não é razoável defender que tantos mestres irlandeses de astronomia na Europa continental tivessem aprendido fora de sua terra natal aquilo que na Europa da época era pouco conhecido. E se essa diferença existia é provável que a tradição druídica tivesse mantido na Irlanda o interesse e o estudo da astronomia.

Recibido 23/04/2014
Acceptado 20/06/2014

